

FÔLEGO DE GATÔ (O REGIONALISMÔ E SUAS VERSÕES)

JOSÉ CARLOS GARBUGLIO
Universidade de Sao Paulo

Resumo:

O artigo procura situar os problemas regionalistas, estudados segundo uma abordagem sociológica, pois admite a ideia do regional como um esforço de captação do singular num certo espaço geográfico, responsável pelo interesse despertado em nós pela região. Aceitando o princípio de que o singular e função do grau de fechamento social deste espaço, tem-se a continuidade de regras estabelecidas pelos ancestrais como modelo de comportamento pessoal, bem como a persistência das estruturas sociais e econômicas, donde as homologias linguísticas que servem no processo de recriação dos aspectos regionais. Em seguida, tenta-se uma classificação do regionalismo brasileiro em quatro categorias precárias e sujeitas a modificações.

Resumé:

Cet article cherche à situer les problèmes régionalistes, étudiés selon une approche sociologique, puisqu'elle fait admettre l'idée du régional comme un effort de captation du singulier dans un certain espace géographique, responsable de l'intérêt que cette région éveille en nous. En acceptant que le singulier est fonction du degré de fermeture sociale de cet espace, on a la continuité de règles établies par les ancêtres, comme modèle de comportement individuel, ainsi que la persistance des structures sociales et économiques, d'où les homologies linguistiques qui servent à recréer les aspects régionaux. Ensuite, on essaie d'établir une classification du régionalisme brésilien en quatre catégories, provisoires et susceptibles d'être modifiées.

Ja nao me parece tao simples falar-se, hoje em dia, na existencia de uma literatura regionalista no Brasil, sem que a posicao assumida se converta em materia de controversias. Na verdade, existem, isto sim, obras com ingredientes regionais, sem que haja, no entanto, um conjunto com relativa uniformidade, capaz de fazer supor a presenca de um movimento com programa, açao, harmonia e forca suficientemente conhecidos e definidos dentro de certa linhagem. Nao apenas as condicoes objetivas, propiciatorias ao aparecimento da obra regionalista, sofreram abalos, visiveis na forma externa, mas principalmente procurou-se enfatizar a variacao de perspectivas utilizadas na captacao deste universo, sujeito, a par-

tir daí, a sensíveis modificações. Aprimorando-se, enriqueceu-se para chegar a um notável aprofundamento nas relações entre a obra regional e o meio que lhe modela o espírito e a suporta historicamente. O que se quer dizer com isto é que, tendo atingido respeitável qualidade estética, não se pode mais admitir retorno ao estágio passado, como querem alguns “regionalistas” retardatários. Daí o impasse: fazer melhor ou não fazer nada.

O princípio desta superação é reconhecido como fato real pelo menos a partir da década de sessenta. Culminando o longo processo regionalista, cuja glória maior se alcançou pela altura dos anos trinta, a obra de Guimarães Rosa logrou ultrapassar os esquemas documentais que lhe antecedem o surgimento e, graças a poderosa capacidade imaginativa e criadora, provocar a transfiguração do meio que lhe serviu de estímulo e ponto de partida. A partir deste momento fica mais nítida a idéia de que os esquemas ficcionais até então aplicados a obra regionalista, se mostram superados. Sobrevem a consciência de que é preciso encontrar outros caminhos, buscar novas formas de apresentação do material regionalista como condição para evitar o cediço, o desgastado, o já visto. Salvo se se quiser, e há muita gente que ainda quer, continuar na esfera de um regionalismo estreito, destituído de maior elevação, sem possibilidade de ser considerado como obra de arte, fato que vem ocorrendo com boa parte dos chamados regionalistas brasileiros.

O problema fica mais claro quando enfocado também sob outras perspectivas que ajudam a complementar os dados até aqui levantados. O componente central da obra regionalista pode ser atribuído ao seu caráter mimético, preocupação que leva o autor à procura de pontos que facultem ao leitor o reconhecimento de certa região, tomada figurativamente, como dado de partida. Ao realizar a obra, o escritor se esforça por criar a ilusão daquela realidade, conformando-a, esta claro, a seu modo específico de enxergá-la. Assim, com a finalidade de melhor alcançar seu objetivo, ele amplia e modifica, deforma e seleciona, isola e singulariza certos traços e busca a projeção da imagem que permita o reconhecimento de aspectos capitais, colhidos com o fim de caracterizar determinado espaço geográfico, que existe independentemente das coordenadas literárias que o elegeram motivo de arte.

Embora o meio urbano possa oferecer aspectos singularizadores de sua identidade, está longe de ter a mesma riqueza e força do espaço rural. Mais permeável em sua estrutura, a cidade destrói as bases que sustentam as tradições, em especial as populares e espontâneas; a cidade propõe e, não raro, aceita elementos novos que repugnam o espírito conservador, mais arraigados nas sociedades rurais, ciosas dos valores herdados,

fundamento de ação e comportamento. O que se verifica é que, enquanto a cidade está mais sujeita a transformações mesmo quando mantém os componentes que lhe peculiarizam a imagem, o homem rural se agarra ao que lhe transmitiu a experiência dos maiores, defende-o e preserva-o como se fosse fator vital de sobrevivência. (Neste campo se nutre o melhor regionalismo). Dentro dessa linha de raciocínio, seria esclarecedor lembrar que durante o romantismo, momento em que nasce o regionalismo brasileiro, existe uma forma de reação a tudo o que cheira a novo, a diferente, vistos sempre como elementos destrutores de valores consagrados (Chateaubriand, Alencar), pilar da sociedade, de que a cidade é a exportadora, enquanto difunde maus hábitos...

Explica-se a posição. Decorrente de situações de imobilidade social, o rígido esquema rural tende a perpetuar tradições que deitam raízes imemoriais. Compõe as feições que as gerações vindouras retomam sem alteração, vivendo e reproduzindo a mesma experiência. A repetição do gesto milenar, deste modo se ritualiza, modela as formas de comportamento, exemplifica tipos de procedimento e permite a conservação de estruturas arcaicas que, assim, ilesas, atravessam o tempo. O pavor do desconhecido e do novo, rompendo os polos do equilíbrio, vistos sempre como formas de destruição, brota deste contexto com redobrada força.

Dois componentes fornecem com nitidez a essência deste arcaísmo e sua continuidade: a linguagem e o sistema de trocas das sociedades rurais, aqui tratadas. Depositário da sabedoria e experiência passadas, o provérbio modela a linguagem destes grupos e se torna o suporte da comunicação. Por ele se transmitem as verdades regentes da vida da comunidade. Irrecorríveis e inquestionáveis, estas verdades pesam como sentenças milenares e tem sua validade comprovada pelos mais velhos e confirmadas pelo tempo. O provérbio é a forma cristalizadora da linguagem e espelha com clareza a idéia de imobilidade social, de permanência e de continuidade. Entre a estrutura lingüística e a social existe evidente homologia, uma vez que uma é reflexo da outra, moldando-se mutuamente. Não é possível alterar uma sem alterar outra, de modo que a paralisia de uma implica a de outra.

Primitivo e limitado, o sistema de trocas ignora o dinheiro, elemento simbólico e sem valor real. Na verdade, o dinheiro inexistente neste universo. As trocas se fazem em espécie, como compete a uma economia primária, ressaltando a penúria da vida das camadas mais amplas e, pois, mais necessitadas. De fato, a carência marca todos os atos desta gente. Esse, sem dúvida, um dos dados fundamentais da ficção regionalista, quando empenhada em apreender a carência para ressaltar a privação, a falta de horizonte, determinantes da própria homogeneidade da região.

Assim, fixada por regras ancestrais, a vida dessas comunidades, se compassam com imperturbavel igualdade, pela mesmice e continuidade. Alias, a propria ideologia conservadora se encarrega de disseminar o principio de que qualquer alteracao esta sujeita a castigos, a desgraças coletivas enviadas para punir os que ousaram alterar a ordem, romper o equilibrio. Por ai se pode ver que o conservantismo aparece como elemento chave neste contexto, cuja atividade se pauta por modelos jamais postos em questao. E o que permite a perpetuidade do atraso, tornando solidarios regionalismo e subdesenvolvimento, como ja fez Antonio Candido (1). Tao poderosa e esta relação que somente se pode falar de literatura regionalista onde sobrexiste o atraso, condição de inalterabilidade da estrutura social e de persistencia dos dados de base: Sicília, Grecia, Portugal, Africa e principalmente America Latina. Nao se va supor doutra parte que basta miseria para haver regionalismo. Fosse assim e teríamos uma riquíssima literatura regionalista.

Regionalismo, por outra parte, pressupoe a presença de uma sociedade fechada, em que todo sintoma de abertura e combatido com violencia e persistencia, sob a falsa alegação de perturbar ou subverter a ordem. A ideologia do grupo dominante se encarrega de criar condições a sua perpetuidade, utilizando os mais diversos tipos de pressao: cultivo de tabus, inibições de fundo religioso e supersticioso, geração de ameaças, proibições, clima de pânico nos momentos difíceis, aludindo à possibilidade de catastrofes e desgraças, com o objetivo claro de manter a comunidade dentro de limites sempre previsíveis e principalmente controláveis. As proprias festas se mutilam e pragmatizam para adequar-se às necessidades de momento. Deixam, pois, de ser manifestação espontanea do grupo, acontecimento natural, necessidade de expressao da comunidade, para se verem convertidas em instrumento controlado e controlador, habilmente manipulado pelos que mantem o poder. Exercita-las é garantir a continuidade, o direito de mando e de decisao sobre o grupo. Se estes instrumentos, por acaso, se mostram inefficientes ou se paira alguma ameaça maior, os detentores do poder não se inibem em apelar para argumento mais eficaz: a força, com a qual se desfazem as veleidades de mudança, dobram-se as espinhas mais recalitrantes. Fabiano personagem de Vidas Secas, em ambos os sentidos, é excelente exemplo de apreensao de comportamento modelado e modelante, num meio em que se verificam desniveis brutais e violentos, sob a aparência duma ordem sagrada, indicando a persistencia dos traços arcaicos da sociedade injusta em todas as suas medidas.

Este mundo dramático de vidas que se corroem e animalizam, mimetizado em respeitavel nível estetico por obras de boa qualidade, foi posto

ao alcance de todos pela ficção regionalista mais consciente e consequente, substituindo o exótico e pitoresco, que se realizavam, ainda se realizam, segundo as exigências do gosto europeu, sempre pronto a consumir o que, aos seus hábitos, chega como diferente, estranho. Bem verdade e que, tendo chegado aquele ponto de realização estética, o regionalismo parece ter esgotado a própria matéria de que se nutria, ao menos como modo de representação da realidade.

Veja-se, pois, que das formas titubeantes com que começa a ser composto no período romântico, a ficção regionalista avança para alcançar excelente nível nos anos trinta e seu melhor desempenho, em nossos dias, com a extraordinária criação de Guimarães Rosa eleva-a a tal grau de amadurecimento difícil de ser acompanhado. Daí também certo impasse. Com o aumento da qualidade desenvolve-se também o quilate da exigência de um leitor que já não se contenta com uma ficção feita pela metade. É preciso que a obra corresponda a este grau de exigência e apresente alguma coisa além do pitoresco, do curioso, do documental, da simples vontade de ser escritor, para alcançar a aceitação pública. Já não se pode admitir aquele regionalismo ingenuo, com que se pretendeu, durante muito tempo, plasmar certa visão da realidade brasileira.

No Brasil talvez se possa falar em três ou quatro atitudes regionalistas, dentro das quais é possível classificar as obras que de uma ou outra maneira se enquadram em seus limites: CONSERVADORA, corresponde aquelas obras em que a defesa do regionalismo surge como forma de preservação das estruturas existentes, vistas sempre como boas, belas e gloriosas. Ótica do grupo dominante para o qual a literatura também pode ser uma poderosa aliada na luta de defesa “das tradições”, confundidas com os padrões vigentes, merecedores da exaltação, dignos de apologia. O que existe é ótimo e não merece reparos. Neste caso o elogio da tradição, equivalente ao princípio da conservação, e o componente essencial que identifica a ideologia do escritor, normalmente convertido em pilar na luta contra qualquer tipo de modificação. Convém lembrar que os escritores, os homens de cultura foram, regra geral, extraídos das camadas dominantes e, pois, seus naturais defensores, tenham ou não consciência da posição assumida. DENUNCIANTE, poderíamos denominar a segunda, a ela se prende o momento de elevação da qualidade estética das obras, momento de reconhecida grandeza dessa vertente da ficção no Brasil. Desvelando a imagem de beleza e fartura alimentada na fase anterior, procura-se agora instaurar a denúncia da miséria, o atraso e anacronismo de certo espaço geográfico; alerta para a trágica dependência, para a situação de insolvência social: a literatura empenhada ideologicamente num processo de transformação das estruturas e das relações humanas,

de produção e trabalho, tomados como responsáveis pelo estágio de dependência e atraso, carencia e miseria. Alude-se aqui a necessidade de desmontagem das estruturas regentes da vida como condição para superar o estágio de dependência e propiciar o salto para sua superação. É verdade que o impacto causado pela obra desta faixa e seu bom acolhimento se devem antes de mais nada à alta qualidade estética desta literatura, capaz, por isto mesmo, de persuadir pela verdade que defende, graças ainda ao tratamento linguístico que se adequa com perfeição as propostas artísticas. E que se tem consciência de que antes de mais nada se estava fazendo literatura, cuja denuncia so se validaria em função da qualidade das obras; terceira, ACOMODADA, se e que se pode considerar regionalistas aquelas obras preocupadas apenas com a exportação do pitoresco e do exótico, a que não ficou infenso certo cinema novo. Apesar do tempo decorrido esta feição continua oferecendo ao estrangeiro, em especial ao europeu, a surrada imagem, inaugurada no Brasil por Pero Vaz de Caminha, no século XVI, quando anunciou para o mundo civilizado as "Índias de vergonhas tão altas e tão cerradinhas", hoje transformadas em untuosas e picantes mulatas, glória e riqueza de certos receituários ficcionais, altamente rentáveis. Pena que traduzam imagem tão falsa e tão distante de nossa realidade humana e social, confundido o pitoresco com os fundamentos do típico caracterizador da região; por fim uma provável quarta categoria que eu denominaria precariamente de GLOBALIZANTE, desembocadura das anteriores, seu principal representante é Guimarães Rosa, cuja obra foi capaz de apreender de maneira global o espaço que lhe serve de base, graças ao poder de captação do essencial numa forma poética que o espelha e transfigura. Concebido no próprio eixo da obra e espaço geográfico, cruzando realidade e imaginação, não mostra os traços de juntura, para alcançar convincente amplitude. Assim, ao criá-lo e sustentá-lo a linguagem molda e se amolda aos estratos da região para plasmar as componentes singularizadoras do meio, conservando sua pureza e sua poesia, sua força e seu misterio. Se, pois, a realidade imediata serviu de estímulo, a preocupação do Autor se volta para os aspectos mais expressivos como forma válida de compor esse universo. Mas antes e acima de tudo, era preciso entender que somente a superação deste imediatismo poderia resultar em valor estético digno de respeito e impor a obra pela sua elevada qualidade artística.

Nota:

- 1 "Literatura y subdesarrollo" in América Latina en su literatura. Coord. e Introd. de César Fernández Moreno. México, Siglo Veintiuno Editores, 1972, p. 335 et seqs.